

# Cultura

Instituto de Artes e Letras

1 a 14 de Fevereiro de 2016 | Nº 101 | Ano IV

Director: José Luís Mendonça

•Kz 50,00

ECO DE ANGOLA

PÁG. 3-4

## HONRAS AO REI ELIAS DYÁKIMUEZO

LETRAS

PÁG. 5

MANUEL RUI PRODUZ ME E POESIA COM  
“DUAS ABELHAS AMIGAS DE UM GIRASSOL”



**Poema de Sarah Howe**

# Relatividade

*para Stephen Hawking*

Quando acordamos eriçados de pânico na escuridão  
as nossa pupilas tateiam procurando formas que reconheçam.

Fotões lançados das fendas como galgos na pista de corrida  
revelam a face dupla da luz nas sombras projectadas

em listas na parede semi-escura do laboratório  
- já não partículas - e, ondulando, dizem adeus às certezas.

Pois que certezas há num universo a dopplear  
em fuga como grito da sirene à meia noite? Dizem:

um flash visto de dentro e fora de um comboio  
explica porque o tempo se dilata, como um perfeito

entardecer; prediz buracos negros onde linhas paralelas  
se encontram, onde a luz das estrelas no desolado horizonte,

curvada, não resiste. Se conseguimos pensar  
tão longe, porque não ajustamos os olhos à escuridão?

*Sarah How nasceu em Hong Kong. É uma anglo-chinesa de 32 anos. O seu primeiro livro de poemas "Loop of Jade" (Laço de Jade) ganhou no dia 11 de Janeiro de 2016 o prémio T. S. Eliot, instituído em 1993 e atribuído anualmente ao melhor livro de poemas publicado no Reino Unido ou na República da Irlanda. Nascida em Hong Kong de pai inglês e mãe chinesa, Howe mudou-se ainda criança para o Reino Unido, e a questão das identidades culturais cruzadas é um dos temas fortes deste seu primeiro livro, que transita com naturalidade da mais elaborada versificação a uma não menos conseguida prosa poética.*

## Cultura

**Jornal Angolano de Artes e Letras***Um jornal comprometido  
com a dimensão cultural do desenvolvimento*

Nº 101 / Ano IV / 1 a 14 de Fevereiro de 2016

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

**CONSELHO EDITORIAL:****Director e Editor-chefe:** José Luís Mendonça**Secretária:** Ilda Rosa**Assistente Editorial:** Coimbra Adolfo (Matadi Makola)**Fotografia:** Paulino Damião (Cinquenta)**Arte e Paginação:** Sandu Caleia, Jorge de Sousa, Alberto Bumba e Sócrates Simóns**Edição online:** Adão de Sousa**Colaboram neste número:****Angola:** Dionísio David, João N'gola Trindade, Jonuel Gonçalves, Lito Silva, Manuel De Sousa, Mário Pereira**Brasil:** Roberto Leal**Inglaterra:** Sarah Howe**Turquia:** Fethullah Gülen

### Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

**Propriedade**

**Sede:** Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda  
**Redacção** 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344  
**Fax:** 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola  
**E-mail:** ednovembro.dg@nexus.ao

**Conselho de Administração**

António José Ribeiro (presidente)

**Administradores Executivos**Catarina Vieira Dias Cunha  
Eduardo Minvu  
Filomeno Manaças  
Sara Fialho  
Mateus Francisco João dos Santos Júnior  
José Alberto Domingos**Administradores Não Executivos**

Victor Silva

Mateus Morais de Brito Júnior

*Maka à Quarta-Feira na UEA*

# HONRAS AO REI ELIAS DYÁ KIMUEZO

MATADI MAKOLA

“Eu sou miúdo, tem aqui mais velhos que devem saber coisas melhores do que eu, mas sente-se verdadeiramente um rei, kota Elias?”, atira com pujança um kandengue na plateia de maioria kota. Com a plateia à espera, dividida entre o sim e o não, Elias simplesmente disse: “Obrigado pela pergunta que me foi formulada. Eu começo por dizer que tudo nasce e cresce e faz-se. Eu estou a caminhar e ainda não cortei a meta. Se acharem que devem servir-me como rei, então o momento é este, por favor”, uma resposta perspicaz que mereceu os aplausos de uma plateia repleta de escritores, familiares, músicos, jornalistas e amantes da música angolana, presentes no jango da União dos Escritores Angolanos para mais uma Maka à Quarta-Feira cujo tema era exactamente Elias Dyá Kimuezo, no passado dia 20 de Janeiro. À mesa estavam Carmo Neto, secretário-geral da UEA, Elias dyá Kimuezo, Marta Santos e Luís Fernandes.

Citando Jomo Fortunato, num texto em que classifica Elias, Marta, a autora da biografia ‘Elias Dyá Kimuezo – A Voz e o Percurso de um Povo’, descreve-o como “compositor de múltiplos recursos poéticos e paradigma da canção escrita em kimbundu. Elias é uma personalidade crítica com forte enraizamento popular. São da sua autoria as melodias e textos mais representativos da História da Música Popular Angolana, inspirada na expressividade da cultura kimbundu”. A pesquisa

do livro levou 6 anos e deu voz a familiares, homens de cultura e músicos.

A par das letras, a música de Elias também era aí celebrada pelos seus cotados 60 anos de carreira e pelo seu mais recente álbum que intitulou ‘O Semba Passa Por Aqui’, lançado no dia 2 de Janeiro na Praça da Independência, quando completou exactamente 80 anos, dado que nasce a 2 de Janeiro de 1936, no bairro Marçal.

A tertúlia no jango da UEA foi abrihantada com números musicais de Elias interpretados pelo líder da banda Acapaná, Acácio, que fechou o evento com pompa e garbo ao fazer-se acompanhado por Elias na canção Nzala. Contudo, durante o certame os presentes intervieram satisfatoriamente, levantando problemas, recordando momentos passados ao lado de Elias, dando sugestões às instituições competentes na forma como gostariam de ver tratado o rei, que entre sim e não de ser rei, muito profundamente se ouviu e viu um pedido geral que convergiu as opiniões de todos os presentes: honras ao rei, por favor.

## Depoimentos

Luís Jesus ‘Xabanú’ – Amigo e contemporâneo de Elias, numa amizade travada desde os anos 64/65. Foi-lhe apresentado pelo Luís Visconde, no Marçal. Xabanu vai à tropa e quando volta é empregado na Nocal, como vendedor de cerveja. Quando largava, às 17:30, muitos músicos o esperavam



Carmo Neto, Elias, Marta Santos e Luís Fernandes

à porta da empresa, mas decidia sair sempre no carro de Elias e justifica aos restantes que Elias era o seu primeiro amigo. A amizade mantém-se até hoje.

Manuel Claudino da Silva – Lembra que uma vez, a convite de uma organização de Luanda, o Roberto Carlos vem a Angola e levantavam a hipótese de ele ser recebido pelo rei da música angolana, ao que Elias respondeu: “Eu moro aqui no Casseque do Buraco, como é que eu vou receber o Roberto Carlos em Minha casa? Nem pensar!”. Manuel é amigo do Elias há mais de quarenta anos, embora Elias tivesse sido primeiro amigo do seu pai. E da maka das distinções de rei, indaga: “E será que ele já tem as mordomias de rei?”. Do que tem visto, acredita que não. Mas, para ripostar um interveniente, Carlos Pimentel, que ainda no início tinha interrogado a mesa se Elias era ou não antigo combatente como ele, Manuel afirma que Elias é de facto antigo combatente e frisou ainda um processo em curso sobre o Kissanguela que anda pendente, a ver se num futuro próximo os integrantes deste grupo fossem colocados na caixa social das Forças Armadas e atribuídas patentes que melhor dignificassem os feitos pátrios destes cidadãos.

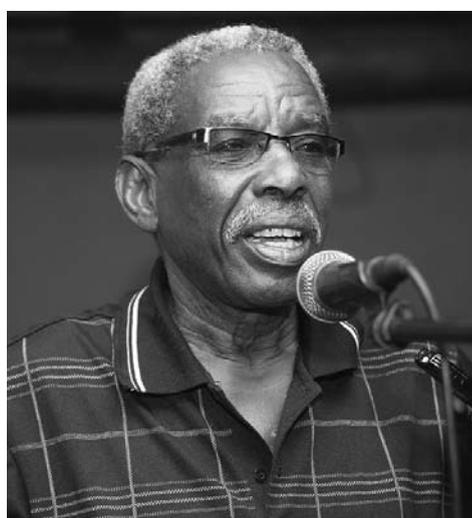
Miguel Neto “Lito” – Conhece Elias desde os seus 11 anos e veio como amigo do rei, por mais que pareça caricato, devido a grande diferença de idade. Trato-o carinhosamente por papá. Miguel morava no Rangel, na rua do Bexi-

ga, e Elias morava na rua de trás. Ele também foi daqueles rapazes que seguia Elias depois do Kotonoca e quando desse por si já estava muito distante de casa. Quanto a questão do facto de Elias se sentir rei ou não, é dos que acredita que não. E justifica que convive com Elias quase diariamente há mais de dez anos e que esta homenagem vem a calhar, aproveitando o momento para apelar ao bom senso das pessoas que o nosso rei tem passado muitas dificuldades, tanto que para se deslocar tem de pedir aos amigos.

Albino Carlos – Foi dos depoimentos mais emotivos, tanto que, tomado pela emoção, ao escritor e jornalista faltaram palavras. Concordando com as palavras de Kandjimbo, que o fez arrepiar, desafiou-nos a imaginar com a seguinte questão: “Se Kandjimbo, um garoto de Benguela, ficava encantado com a imagem à moda axiluanda do kota Elias, como seria o efeito a um rapaz do Rangel cuja casa era um salão, Cinco de Pau, na Rua do Povo?”. A resposta era evidente e Albino moíase de emoção. Disse-nos que viu o kota Elias quando garoto, que o relembra como homem de aura, e disse aponta que os músicos deste timbre merecem uma grande homenagem. Sobra a poesia contida em Elias, Albino é de opinião que toda a poesia do kota Elias está na forma como ele canta, e que isto ninguém pode escrever, talvez seja o motivo de os escritores nutrirem às vezes alguma inveja dos músicos. Do



Jovem formulando a questão que dominou a maka



Xabanú



Miguel Neto



Albino Carlos

seu Rangel do coração, eles, rangelitos, ficam arrepiados ao ouvir Elias. Dominginhos, Xabanú e outros já causaram muita alegria naquele bairro, eram figuras emblemáticas e de talento consumado.

Luís Kandjimbo – Ouviu o pedido de um amigo e decidiu tecer algumas palavras de apreço a Elias. Fê-lo recorrendo à imagem que tem de Elias, ressaltando a forma como a música popular urbana contribuiu para a formação do carácter e da personalidade de muitos do seu tempo. Lembrou-nos ser natural de Benguela, uma cidade do litoral, e a imagem que lhes era transmitida a partir de Luanda, sobretudo ao nível da música, era muito importante. Aponta-o como um dos músicos que para a sua geração tem muita importância, mesmo cantando em kimbundu, visto que fala umbundu. Analisa que as letras em kimbundu, devido ao substrato bantu, permitiam a jovens miúdos de 8 ou 9 anos entenderem palavras isoladas que ajudavam a compreender o sentido, mesmo sem saber o significado das frases construídas. Combinando as palavras-chaves à melodia e harmonia, acontecia um pouco também devido aquela imagem radical que ele apresentava nas capas dos discos, lembra. Kandjimbo destaca que essa era uma outra coisa que lhes deleitava. As imagens eram significativas, a do homem de barba preta e farta e vestido de pano, o que para garotos, nos plenos anos 60, significava que estavam diante de uma figura representativa daquilo que deveriam ser. Tem companheiro de geração e de estrada com os quais ouviu as músicas de Elias, motivo que lhes levou a aprender a tocar guitarra e cantando mesmo sem saber o kimbundu, sinal de que queriam ser aquilo que deveriam ser, ajudando desta forma a formar o carácter.

Paulo Campos – O escritor Paulo Campos faz recurso às músicas de Elias para buscar inspiração ou força para escrever... essa música da mãe, que diz mamã kudilengó, um tema maternal e profundamente sentimental, é um exemplo.

José Luís Mendonça – Admira profundamente Elias, que considera “poeta de kimbundu”, fazendo referência à música ‘Nzala’, cujo original era tocado

com fundo de piano. O poeta deixou um repto a UEA, representada no momento por Carmo Neto, de publicar em livro as canções de Elias. Sublinhou a diferença entre a música da novíssima geração e a dos kotas, encontrando na novíssima uma grave falta de poesia na composição das letras, feitas apenas para consumo imediato, além de apontar esta geração como descuidada no que toca ao canto em línguas nacionais, como também se não seria possível que os mais jovens tentassem aprender mais com Elias.

Ao que Elias respondeu que tem vivido com certo descontentamento devido a prática abusiva da nova geração. “Todos nós temos de aprender e saber lidar com as pessoas, aproximar, conjugar, conhecer os hábitos e costumes, é das coisas mais sagradas que existe no mundo africano. Mas existe o desrespeito. Eu não vou rejeitar que deixem de dar continuidade a obra que eu fiz, eu não serei continuador. Eu peço à nova geração, por favor, que respeitem as obras. Aproximem-se, sem receios, que nós vamos conduzir ao caminho certo”.

Ventura de Azevedo – Conheceu Elias quando tinha treze anos de idade, num tempo em que ainda a música angolana passava na rádio esporadicamente e os pais proibiam os filhos de falar kimbundu, mas a contragosto das avós, que sempre mandavam os netos em kimbundu. Moravam no sambizanga e uma vez foram assistir ao kutonoca, quando Paulo já tinha dezassete anos. Era um sábado e quem estava no auge era Urbano de Castro. Mas naquele dia aconteceu algo diferente, apontando como dia provável da estreia do tema ‘Mamã kudilengó’, que já neste dia arrebatou o coração dos presentes, ofuscando a participação dos restantes.

Apresentou a Elias a sua inquietação sobre o momento e motivo da criação deste tema. Elias responde-lhe que esta canção foi criada na altura em que a malta do Ginásio viaja para o exterior do país e lá fora transforma-se em Kinsaguela. Mas ficam Elias e mais alguns elementos. Dos que foram ao exterior, Mam Mingo, Tomás e Joaquim, do Ginásio, tinham tirado sem autorização o salário do pai para pagar o barco. Zangado, o pai abandona a

casa por uma semana. A mãe não sabia o que fazer e só chorava. Eram seus vizinhos e Elias acompanhou de perto, decidindo escrever esta música de mensagem profunda em homenagem às mães, por tudo que sofrem pelos filhos, que diz num dos trechos mais conhecidos: “Minha mãe não chore, eu vou mas tornarei a voltar, e mesmo que voltar cego, só de tocar os teus seios saberás que és a minha mãe”.

Luís Fernando – Começou por dizer que concorda redondamente com os dizeres de Luís Kandjimbo a Elias, que o sentimento que ele sentiu em Benguela teve-o também no Uíge. Recorda que no tempo colonial chegava-lhe muito a música de Elias. E mesmo sem perceber o kimbundu, era o referido substrato bantu que lhes fazia dar conta de algumas palavras-chaves, como aconteceu na música Nzala. Também lembra um vizinho que estava muito avançado para o seu tempo, que dá vida a um personagem do seu último romance, e foi este que tinha os primeiros discos de vinil, tendo visto em casa deste vizinho uma imagem de Elias. Assim nasce a admiração que tem pelo músico, que o considera pela alma que põe no seu canto. Da maka, acentua que esta homenagem é o mínimo que se pode fazer, escritores e cidadãos, para esta geração de Elias que tem sido tratada com alguma injustiça.

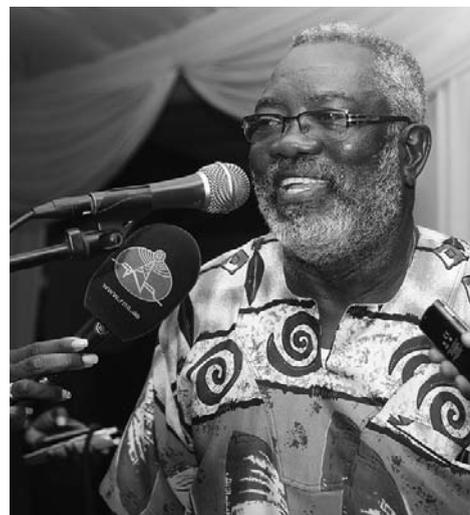
E continuou fazendo referência à relevância do chamamento do canto, que compara a do fuzil e da acção armada, convidando os presentes a saber: “Muitos de nós somos do MPLA pelas canções que nós ouvimos”.

Cirineu Bastos – Concordou com

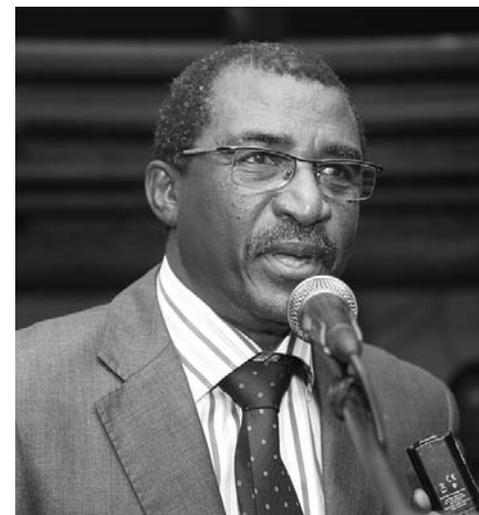
Kandjimbo e Albino Carlos porque ambos tiveram o cuidado de realçar o valor do artista que fez do cancionista uma forte arma de luta. E deixou a entender que as palavras destes escribas tocaram-no, lembrando que em muitos sítios pessoas da sua estirpe recebem elogios de terem sido bons rapazes, mas falta reconhecimento. Já travou com algumas pessoas ilustres que confirmaram que há pessoas que com o fuzil deram uma série de tiros, mas alguns não alcançaram tanto como as mensagens de músicos como Elias.

Arnaldo Calado – Último a intervir, viu-se na obrigação de fazer ligações. Começou respondendo a pergunta que todos faziam, uma pergunta que lhe pareceu exageradamente dura mas que teve uma resposta exageradamente inteligente, se o rei Elias sentia-se rei ou não. Defende que o rei Elias é o rei da música angolana, e disto ninguém duvide. Basta cantar ou assobiar e dar em música, o rei é o Elias, diz. Pensa ser muito difícil para o Elias acordar no dia seguinte e dizer que ele já não é mais o rei. Defende que as pessoas que o atribuíram continuam a tê-lo como rei. Pondera que há dificuldades, e que nem mesmo o Elias viveria bem sem dificuldades. O Elias tem dificuldades e sabem-nas. Mas tudo tem o seu tempo, ajeita. Não acredita que um dia possamos ver o Elias sem dificuldades, aliás, conclui que todos nós vamos ter sempre dificuldades.

Entre as soluções, convidou a falar dos direitos de autor, ir nos hotéis, restaurantes e similares que usam a música de Elias mas não pagam direitos de autor.



Manuel Claudino



Ventura de Azevedo



Luís Kandjimbo



Cirineu Bastos



José Luís Mendonça



Arnaldo Calado

# MANUEL RUI PRODUZ MEL E POESIA COM “DUAS ABELHAS AMIGAS DE UM GIRASSOL”



Manuel Rui com crianças

**O lançamento, no passado dia 21 de Janeiro, da mais recente obra de poesia infanto-juvenil, “DUAS ABELHAS AMIGAS DE UM GIRASSOL”, foi mais uma grandiosa manifestação da simbiose espiritual que existe neste nosso mundo entre a alma de Manuel Rui e a alma das crianças.**

**Com efeito, o CAMÕES/CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS testemunhou, na noite do lançamento da obra, essa natural empatia, com a participação de dezenas de crianças que deram voz e emoção à poesia escrita no livro e exibida em vídeo.**

**Ao criar esta nova obra, Manuel Rui produziu mel e poesia que os leitores irão usufruir com o deleite de quem sorve o labor preciso e rigoroso da abelha, desde o pólen do girassol aos favos da colmeia.**

Na nota que o Camões fez chegar à nossa redacção, é dito que “a obra DUAS ABELHAS AMIGA DE UM GIRASSOL, produzida pela Mayamba Editora, com ilustrações de Rosa Cubillo, canta a natureza e o amor, através de uma história da labuta diária de duas abelhas, que sugam o néctar do girassol, num diálogo com dois meninos que passam e temem a ferroada.

Com a conhecida e apurada mestria e sensibilidade poética, Manuel Rui transporta-nos para um mundo de magia, onde não falta a figura do vilão - um “homem com cara de malvado”.

*“Bom-dia girassol como é que vai o nosso amigo  
Bom-dia meninas abelhas não nos ferrem por favor!  
Ó meninos não há perigo  
Só ferramos a quem ataca e não gosta do amor”*

*“É bom ser girassol sem perigo  
Mas dava tudo para voar  
E não ficar de castigo  
Nem sequer poder andar  
A ver se morro de velho e sem nenhum inimigo  
Com sementes para dar  
Caindo no chão de abrigo  
E lindos girassóis a rebentar”*

*“abelhas@mel.mel é o nosso particular  
E como vocês percebem?  
Com nossas antenas radar.  
Agora vocês percebem  
Como vão comunicar.”*



Manuel Rui com o editor Arlindo Isabel



O público presente

## SOBRE O AUTOR

MANUEL RUI (Manuel Rui Alves Monteiro) nasceu no Huambo, no Planalto Central, em 1941.

Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra, em Portugal, onde exerceu advocacia, foi membro fundador do Centro de Estudos Jurídicos, redactor da Revista Vértice, co-autor do suplemento Sintoma e sócio fundador da editora Centelha.

Figura incontornável das artes e letras angolanas, ao longo da sua vida manteve, sempre, uma estreita colaboração com diversos jornais e revistas de renome, desde os tempos de Coimbra, no triângulo da Língua Portuguesa entre Angola (Jornal de Angola e Diário Luanda, entre outros), Portugal (Público e Jornal de Letras) e Brasil (Terceiro mundo). Foi fundador das edições Mar Além, onde foi editada a Revista de Cultura e Literatura dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e fundador e subscritor da proclamação da

União dos Escritores Angolanos (UEA), bem como da União dos Artistas e Compositores Angolanos e da Sociedade de Autores Angolanos.

Manuel Rui, ensaísta, cronista, dramaturgo e poeta, é também autor do Hino Nacional de Angola e de canções de parceiros como Rui Mingas, André Mingas, Paulo de Carvalho e Carlos do Carmo (Portugal) e Martinho da Vila e Cláudio Jorge (Brasil).

A sua magnífica vertente literária inclui uma vasta obra de textos de poesia e de ficção publicados desde 1967 até à presente data.

É autor da primeira obra de poesia e de ficção publicados em Angola após a independência. Foi galardoado com o Prémio Caminho das Estrelas em 1980, pela obra emblemática “Quem me Dera Ser Onda”, já adaptada ao teatro em vários países, designadamente em Angola, Portugal, Moçambique e Cabo Verde.

As suas obras estão traduzidas em umbundu, alemão, espanhol, hebraico, finlandês, italiano, servo-croata, sueco e russo.



# MAWUTOKOJI MA DIZWI DYA KIMBUNDU

## CURIOSIDADES DA LINGUA KIMBUNDU



### O putu MUSAMBIKE nasceu no Bairro Sambila em Luanda

O professor entrou apressado na sala de aula e começou a fazer a chamada. O último aluno tinha o nome de Musambike. O prof. ergueu os olhos e perguntou: quem é o Musambike? – Sou eu, sr. Prof. – respondeu. – Interessante, retorquiu. Como achou esse nome? – A explicação poderá ser fastidiosa, sr. Prof., mas tentarei encurtar o discurso. – Explique-nos, por favor. – Levantando-se, Musambike começou assim:

Pela sua estrutura, Kusambila (entrar; festejar, regozijar; orar...), é um verbo derivado do verbo KUSAMBA que, nesta ordem de ideias, significaria também (entrar; festejar, regozijar;

orar...), .... Se a conjugação do PMQP de KUSAMBA tiver a seguinte estrutura: 1<sup>a</sup>.pess. sing (ngasambile – entrara,.../tinha entrado,...). 2<sup>a</sup>.pess. sing. (wasambile – entraras,.../tinhas entrado,...). 3<sup>a</sup>. Pess. Sing. (wasambile – entrara,.../tinha entrado,...). 1<sup>a</sup>.pess. pl. (twasambile – entráramos,.../tinhamos entrado,...). 2<sup>a</sup>.pess. pl. (mwasambile/ nwasambile – entráreis,.../tínheis entrado,...). 3<sup>a</sup>. Pess. pl. (asambile – entraram,.../tinham entrado,...) então, vê-se que SAMBIL(E) é a constante do PMQP de KUSAMBA. SAMBILA, seria então IMPERATIVO DE KU+SAMBILA=KUSAMBILA (entrar,...)

O Verbo Entrar, tem uma gama de significados interessantes, donde se realça o Verbo KUSAMBILA. KUSAMBILA, para além de ser o RADICAL do

Verbo Entrar, festejar, orar,... em Kimbundu, é também, na análise morfológica de kusambila, um Complemento Circunstancial de Lugar, por significar: No Sambila, ou seja, no SAMBIZANGA. Nessa perspectiva, kusambila = no Bairro Sambizanga= no Sambila, onde ku simboliza, morfológicamente, a contracção da Preposição em com o artigo definido no género masculino ou singular (o/a).

Se quisermos apenas dizer SAMBILA, estaremos perante duas hipóteses visíveis: a primeira hipótese diz que SAMBILA é a conjugação do verbo KUSAMBILA (entrar,...) no IMPERATIVO IMPESSOAL. Pessoalizando, teremos SAMBILA EYE (entra,... tu); SAMBILENU (entrai,... vós).

A segunda hipótese é tentar ver SAMBA, Conjugação Imperativa de KUSAMBA (orar; rezar; festejar) acasalar-se com ILA, conjugação do Verbo Dizer no IMPERATIVO IMPESSOAL, onde ILA EYE (diz tu) e ILENU (dizei vós), pessoalizam o SINGULAR e o PLURAL desse mesmo IMPERATIVO.

Desse casamento, resultaria um rebenento de nome SAMBILA, que poderia significar, com base no pressuposto do casamento de dois IMPERATIVOS, lindíssimas expressões, tais como: (ORA, DIZ; FESTEJA, DIZ; REZA, DIZ; etc.)

O ADJECTIVO MUSAMBIKE (aquele que entra; o que introduz; aquele que festeja; aquele que se regozija; aquele que é da savana...)

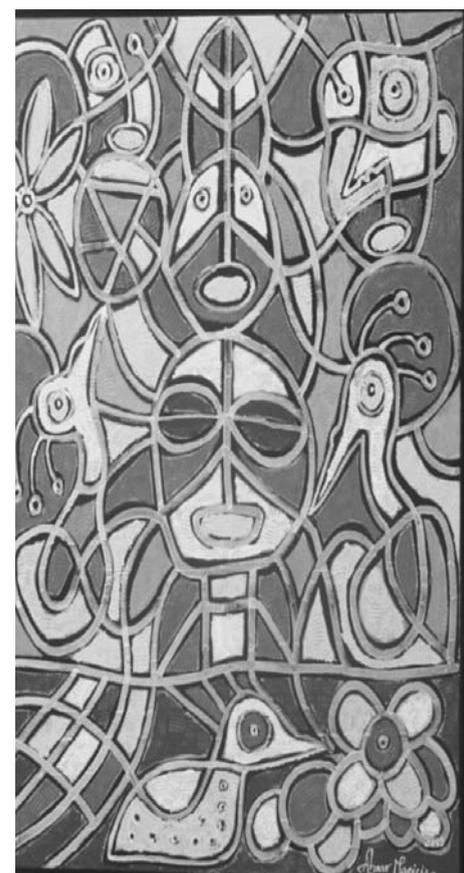
A relação entre Kusamba e Kusambila, é de continuidade por via da conjugação do PMQP de Kusamba, de onde, extraíndo a CONSTANTE (sambile), esta evolui para SAMBILA, que é IMPERATIVO de KUSAMBILA (entrar). Os verbos em Kimbundu que terminam em ILA, admitem terminar em IKA, o que supõe dizer que KUSAMBILA = KUSAMBIKA, por analogia aos verbos KULANDULA = KULANDUKA (secundar; demorar; ...); KUSANDULA = KUSANDUKA (estar afastado; pôr-se distante; distanciar); KUSANDULULA = KUSANDULUKA (estar muitas vezes afastado; pôr-se muitas vezes afastado); KUTANDULA = KUTANDUKA (rasgar, rasgamento, estar rasgado; fazer em pedaços); KUTANDULULA = KUTANDULUKA (rasgar várias vezes, rasgamento continuado, estar muitas vezes rasgado; fazer em pedaços várias vezes); KUSUBULA = KUSUBUKA (restar; sobrar,..); KUSUBUJULA = KUSUBUJUKA (restar várias vezes; sobrar várias vezes,..); KULUMBILA = KULUMBIKA (dignificar); KULUMBIDILA = KULUMBIKILA (redignificar); KUBINGULULA = KUBINGULUKA (mudar de posição, direcção); ....



MÁRIO PEREIRA

Nesta ordem de ideias, de KUSAMBILA = KUSAMBIKA, resulta que os adjectivos daí derivados são, entre outros, os seguintes: de KUSAMBILA, vem: kisambila (aquele que entra); kyasambilwa (aquele que entra); kyosambile (quem penetra); mukwa kusambila (aquele que entra); MUSAMBILE (aquele que entra). De KUSAMBIKA vem: kisambika (aquele que entra); kyasambikwa (aquele que entra); kyosambike (quem penetra; quem entra); mukwa kusambika (aquele que entra); MUSAMBIKE (aquele que entra, aquele que ora; aquele que festeja; aquele que regozija;... ). AMUSAMBIKA (introduziram-no; fizeram-lhe entrar). KUMUSAMBIKE KYENYEKI – não o façam entrar dessa maneira. MUSAMBIKE ENUKYA = MUSAMBIKENU KYA = façam-no entrar já. Xanenu MUSAMBIKE mwenyo – chamem quem entra. Para finalizar, caro professor, julgo ter esclarecido a dúvida sobre a proveniência do meu nome MUSAMBIKE.

Perante o que acabava de ser dito, o professor indagou quem tinha algo a dizer sobre o assunto, e caso assim fosse, propunha que o dissesse na próxima aula.



## CUNENE

## HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE ANGOLA EM LIVRO

DIONISIO DAVID | ONDJIVA

Os amantes da leitura da província do Cunene ganharam esta semana mais uma obra literária intitulada “História da Universidade Católica de Angola-Da génese à fase actual (1999-2014)”, da autoria do padre Apolinário Hianamushinda.

Para o seu autor, o livro é um grande contributo da Universidade Católica no desenvolvimento do ensino superior no país.

O vigário da Diocese do Lubango, monsenhor Geraldo Namolo, considerou a obra como uma contribuição valiosa e acima de tudo um instrumento do conhecimento, por reunir um conjunto de elementos que descrevem e situa leitores sobre a realidade do país na vertente académica.

O vigário lembrou que o autor do livro ao debruçar-se sobre a universidade Católica de Angola, quis simplesmente dar ênfase da importância de qualquer faculdade no contexto actual do país, a luz das transformações económicas e sociais, pois “quem não sabe de onde vem também não sabe por onde vai”.

Sublinhou que a obra trata de um processo trajectória sobre o surgimento das instituições privadas de ensino em Angola e em particular a Católica, fruto de um trabalho titânico.

Realçou que na presente era da globalização e das tecnologias de informação a literatura assume cada vez mais um papel e lugar chave, pelo facto de despertar maior interesse no seio classe intelectual, de modo a permitir que se tenha cada vez mais no país, homens e mulheres capazes de

interpretarem correctamente os anseios e aspirações

culturais do povo angolano rumo ao progresso e o bem-estar de todos.

A reitora da Universidade Católica de Angola, Maria Irene Miguel, presente no acto, sublinhou que o livro faz parte de um projecto que acaba de ser concretizado e que foi sempre o desejo da instituição ver retratado de forma histórica todos os aspectos relacionados com a sua fundação, enquanto instituição do ensino superior.

Neste particular a responsável começou por destacar as figuras que estiveram envolvidos directamente no projecto como por exemplo o arcebispo Dom Damião Franklin um dos arquitectos do projecto, aquém o autor dedicou uma merecida homenagem, para além do Papa João Paulo II, precursor da iniciativa, do arcebispo de Luanda, Filomeno Vieira Dias, entre outras figuras.

Das abordagens mais importantes está relacionada com a visita do Santo Padre João Paulo II, que durante a sua estadia em Angola em 1992, manifestara o desejo de ver materializada a fundação da Universidade Católica e a implementação de um sistema de ensino mais eficiente capaz de dar resposta os grandes desafios do país e que a universidade seria umas das apostas na formação dos cidadãos.

É precisamente em 1992, que é fundada a Universidade Católica de Angola, traves do decreto nº 38-A de 7 de Agosto que concede a Conferencia Episcopal de Angola e São Tomé, a autorização sobre a criação de condições e consequentemente a fundação.



Livro apresentado no Cunene

Lembrar que a nova obra do padre Apolinário Hinamushinda comporta dois volumes e um total 650 páginas, 12 capítulos ao longo dos quais o autor faz a alusão de todo o processo histórico da universidade.

De acordo com a reitora da Universidade Católica, Dom Damião Franklin foi na altura coordenador da comissão instaladora que durante um ano trabalhou afinadamente para que o objectivo da criação fosse uma realidade.

Deste modo, o autor também atribui Dom Franklin um papel central e considera-o como homem de cultura, grande mestre, professor, pai, homem invulgar e de paz.

A obra destaca por outro lado a biografia de figuras como cardeal Alexandre do nascimento pelo contributo dado no fortalecimento da Igreja Católica em particular a criação da universidade em especial.

Apelou os homens de cultura e de letra a apostarem seriamente na investigação científica a traves da elaboração de obras literárias, tendo por base o interesse manifestado pelos jovens leitores.

O bispo da Diocese de Ondjiva, D. Pio Hipunhaty, considerou a obra como prestimoso contributo de um jovem que quer tornar cada vez emancipada a cultura dos povos sobretudo da região a que pertence já que um povo sem cultura é um povo sem norte.

Disse que o exemplo do padre Apolinário deve ser seguido por demais jovens e todos aqueles que são verda-

deiramente homens de cultura tendo em atenção que a cultura une os povos e fortalece a Nação.

## Perfil do autor

Apolinário Hinamushinda nasceu a 12 de Agosto de 1968 em Oshivambi, comuna da Mongua, município do Cuanhama, província do Cunene.

Fez os estudos primários e secundários na província do Cunene e da Huila, bacharel em filosofia pelo seminário Leonardo Sikufinde no Lubango e em Roma.

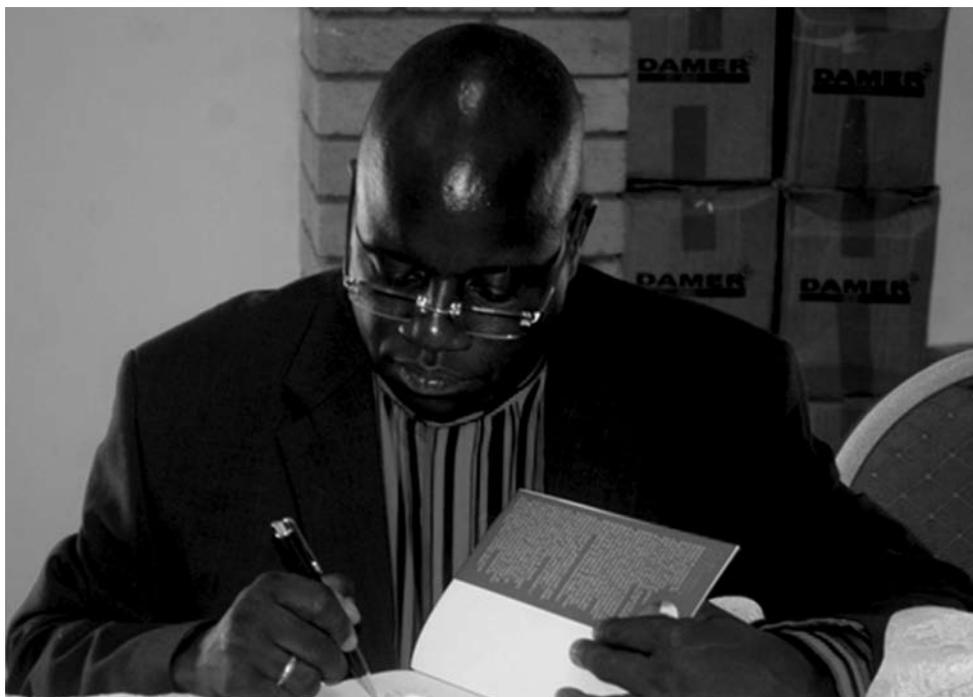
É mestre em teologia sistemática pelo pontificado Colégio Urbaniana, graduado em sociologia pela Universidade Católica e contabilidade e finanças pela Universidade Católica em Roma.

Aos 12 de Setembro de 2002, foi ordenado a sacerdote na missão Católica de Omupanda pelo bispo emérito da Diocese de Ondjiva, D. Fernando Guimarães Kevanu.

Exerceu as funções de assistente da comunidade estudantil lusófona de University, em Windhoek, República da Namíbia.

Em 2012 foi nomeado pelo dom Damião Franklin vigário pastoral da paróquia da Sagrada Família em Luanda. É docente da Universidade Católica de Angola.

Actualmente exerce o cargo de chefe do gabinete de desenvolvimento e cooperação institucional da Universidade Católica e professor do Seminário Maior de Luanda.



Padre Apolinário autor da obra

# ARLETE MARINELA DO ÁFRICA TÊXTIL

## IMPENSÁVEL SOBREVIVER COMO ACTRIZ

MATADI MAKOLA

No intuito de realçar mais uma pedra no xadrez da história do teatro angolano, trazemos o nome de Arlete Marinela, que constava na prestigiosa lista de homenageados do último FESTECA. Procuramo-la para esta entrevista, na qual viemos a saber que a actriz é de Benguela.

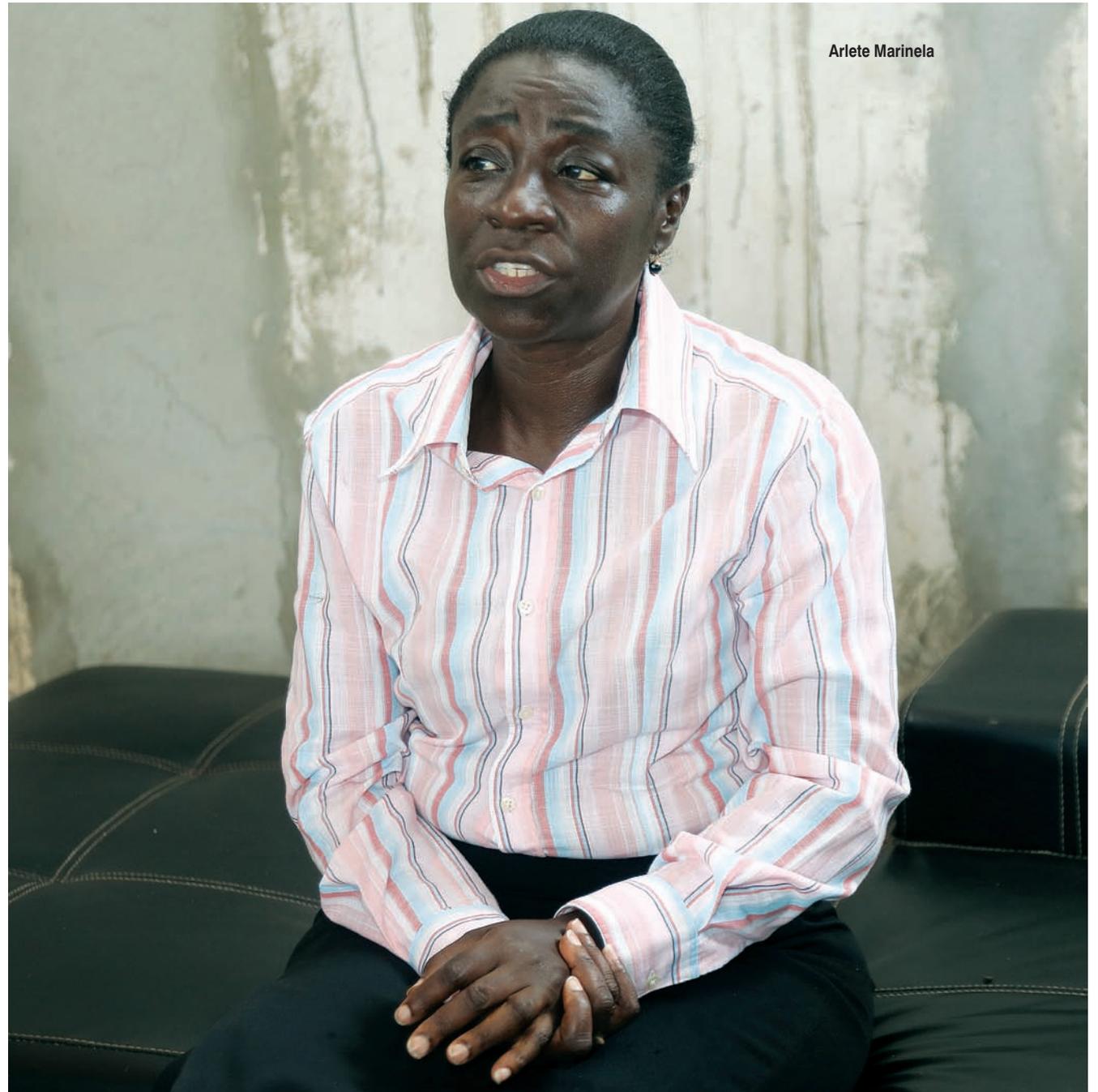
A sua integração nas artes cénicas inicia quando estudava na escola Comandante Kassanji, da referida província. A figura de Beto Teixeira, o então professor de EVP que lançou, quando corria o ano de 1981, o desafio aos alunos que queriam participar numa peça que estava a montar, lhe marca profundamente. O sim ao desafio, foi o sim ao destino de ser actriz. Marinela disse sim e vários alunos seguiram o seu exemplo, resultando num numeroso grupo de teatro. No decorrer dos ensaios aparece Zé Kafala, que era amigo de Beto Teixeira. Em causa estava a peça “A Praga”. O trovador Zé Kafala teve a responsabilidade de musicar a peça. Foi ensaiada por quase meio ano e chega a ser estreada no Teatro Monumental de Benguela, atraindo imediatamente a atenção da empresa África Têxtil, que se dignou em prestar apoio ao grupo, que em resposta adoptou o nome da empresa: Grupo de Teatro da África Têxtil.

Não havia muito de teatro em Benguela. Foi um dos primeiros rebentos significativos das artes cénicas naquela província. Surgiu com alunos que frequentavam a 7ª e 8ª classes.

O teatro veio a fazer parte da sua vida. O seu jeito descontraído e sorridente de ser foram sinais de que poderia estar na praia certa. O seu à-vontade em palco é testado na peça “A Praga”, por interpretar um personagem que na trama chega a morrer, a Ngueve. Recorda que não foi muito fácil, mas uma grande experiência.

Desse período do teatro em Benguela lembra as colegas Benvenida Lage, Helga Reis, Carla Cruz e Maria Helena.

Em 1982 a delegação municipal da Cultura convidou o grupo de actores, por na altura dar cartas de ser um dos melhores da província, a vir a Luanda apresentar a peça “A Praga”, tendo ainda feito teatro de intervenção em quartéis



Arlete Marinela

militares e empresas, mas findam a digressão com chave de ouro no Teatro Avenida. Essa aparição na capital valeu-lhes tanto que algumas bocas do circuito cultural faziam crer que o grupo devesse ir ao FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica. Mas, não sabe bem porquê, não passou de murmúrio.

O ministério da Cultura não se fez surdo e cego ao provinciano grupo de Benguela e mantiveram intercâmbio até ao fim do grupo. Mas esta vinda a Luanda fez com que os actores se conhecessem melhor e criassem amizades.

Continuam a trabalhar e montam uma peça cômica, “Chico Kalipera”. Dois anos passam e montam a peça “A Terra é Azul”, em 85, que lhes levou ao festival provincial de teatro.

Em 1989 fixa-se em Luanda. Com a professora Agnela Barros, que Arlete já conhecia fazia algum tempo, a amizade aumenta e as-

sim se sentem à vontade para partilha de projectos que materializassem a visão e os ensejos que tinham do teatro da época. Mas não foi o teatro que a trouxera à capital: interesses académicos falaram mais altos que a intenção de continuar a carreira artística.

Se envolve com a Associação Globo Dikulu e participa no projecto Crianças de Rua, e assim começa uma empreitada filantrópica que consistia em dar chá e sopas nos vários pontos da cidade, um pouco por causa da inevitável formação humanista que o teatro proporcionava aos seus envolventes.

Embora manifestasse sempre o desejo de romper com o teatro e de se tornar em simples público, o destino mais uma vez a coloca em palco, mas desta vez no lado administrativo: tinham decidido criar a Associação Internacional de Teatro. Não sabe bem como surge, mas foi convidada por Agnela Barros a ser a secretária da recém formada associa-

ção. Trabalhavam todos juntos, no Elinga Teatro. Esta associação surge das cinzas de uma associação dos amigos do livro, que tinha como secretária a professora Agnela Barros.

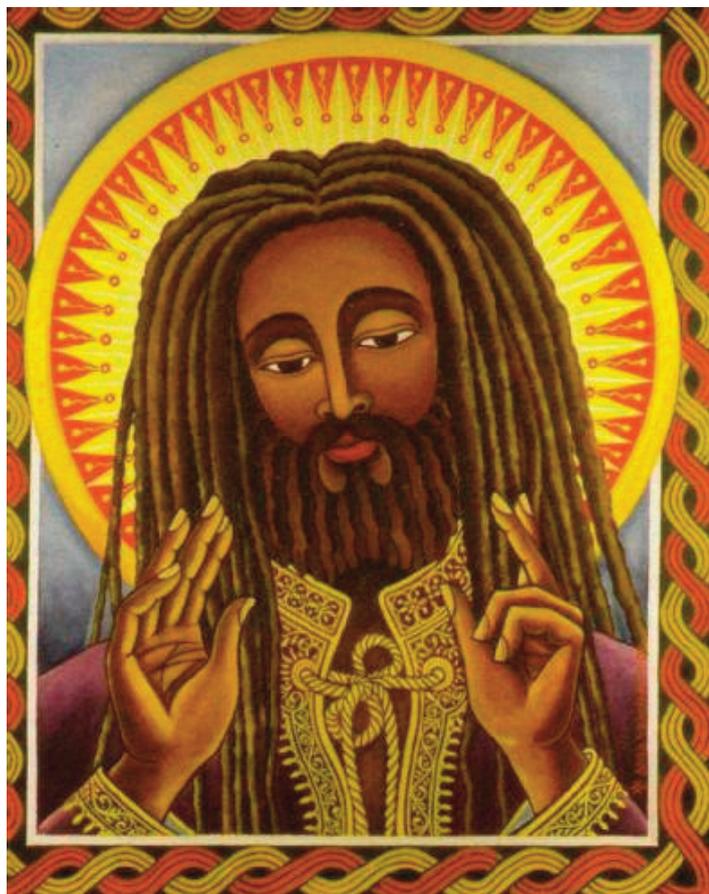
Não chega a trabalhar na secretaria de estado da Cultura, como muito ficou conhecida, mas era pivô entre este organismo do Estado e a associação. A associação teve vida efémera, não fizeram quase nada, salvo a tentativa de criação de um grupo de teatro infanto-juvenil.

Retirada dos palcos, recorda ter apenas ganho como actriz um fato olímpico ofertado por Pascoal Luvalu, quando esteve na UNTA.

Muita coisa que existia não perdurou. As pessoas tinham ambições e para sobreviver como actor era impensável, seguiram as suas vidas e o grupo ficou para a História. O local em que estava a secretaria de estado da Cultura de Benguela queimou e muita coisa, se não toda, se perdeu.

# ÁFRICA

## NO BERÇO DA HUMANIDADE NASCEU JESUS



Jesus Negro

Os Evangelhos dizem de uma maneira muito clara, explicitando nos escritos que Jesus nasceu em “Belém de Judá” (ver Mt 2,1 cfr. 2, caps. 5.6.8.16), (Lc caps. 2, 4.15), (Jo caps. 7, 40-43). Nos tempos antigos, a cidade de Belém de Judá foi considerada território de África. Até a construção do Canal de Suez, Israel fazia parte da África. Esta visão perdurou até 1859, quando um engenheiro francês Ferdinand de Lesseps foi designado para projectar e construir o Canal de Suez. A partir daí, foi à África separada não somente geograficamente, mas, sobretudo na exclusão de parte dessa história, cultural e antropológica do que hoje se conhece por Oriente Médio. Uma conhecida extensão milenar da África que passa a figurar nos mapas como se fora pertencente à Ásia. Jesus nasceu na África!

Quero dizer para vocês que há grandes indícios de que Jesus Cristo era mesmo negro. Jesus era a presença negra na linhagem familiar. Diz-se da árvore genealógica de Jesus ter sido misturada com a linha de Caim, desde os tempos passados nos cativos no Egito e na Babilónia. Dos antepassados de Jesus através de Caim, no lado feminino desta mistura étnica, haviam cinco mulheres mencionadas na genealogia de Jesus Cristo, foram elas: Tamar, Raabe, Ru-

te, Bate-seba e Maria (ver Mateus cap. 1: vers. 1-16) essas senhoras mencionadas eram de descendência de Caim. De maneira que Jesus pode ser aclamado etnicamente pelos povos semitas e descendentes de Caim.

Jesus pertenceu a tribo de Judá, uma das tribos Africanas de Israel mais tradicionais. Seus ancestrais masculinos vêm da linha de Sem (o que quer dizer: miscigenados). Os antepassados de Jesus através de Cam são narrados em Génesis cap. 38. É quando Tamar, a mulher Cananéia (Negra) fica grávida de Judá, e dá à luz aos gémeos Zerá e Perez, formando a Tribo de Judá, verdadeiros antepassados do rei David e de José e Maria, os pais de Jesus.

Não foi por acaso que Deus enviou Maria e José para o Egito com o propósito de esconder o menino Jesus do rei Herodes (Mateus cap. 2: ver. 13). Jesus se escondeu por entre os negros. Ele jamais poderia ter sido escondido no norte da África se fosse um menino branco, se não tivesse traços étnicos daquele povo. Não pela protecção militar, já que nessa época o Egito era uma província sob o domínio romano, mas, porque o Egito era um país habitado por pessoas reconhecidamente negras. Sendo assim, José, Maria e Jesus não teriam passado de mais uma família negra, entre os negros, sendo que ti-

nham fugido para o Egito, com a única finalidade de esconder Jesus, de Herodes, que tinha dado ordens para que matassem o menino. Se Jesus fosse branco, loiro e de olhos azuis, teria sido reconhecido, teria sido difícil esconder-se entre os egípcios negros sem ser identificado. O povo “hebreus”, foi um povo muito parecido com o povo “egípcios”, caso contrário teria sido difícil reconhecer uma família hebraica entre os egípcios Negros. Foi no Egito que o povo de Israel teve seu auge da negritude, foi quando setenta israelitas entraram no Egito e lá se instalaram durante 430 anos, trinta anos como hóspedes, e os outros 400 anos cativos, eles e seus descendentes contraíram matrimónio com não-israelitas, chegando a mais de 600.000 homens, mulheres e crianças. Foi quando deixou o Egito uma multidão miscigenada. Etnicamente, os antepassados de Jesus foram uma combinação de afros com asiáticos.

Em Apocalipse cap. 1: ver. 15, a Bíblia Sagrada é clara quanto à negritude de Jesus, diz que a epiderme de Jesus era semelhante pedra de jaspe e de sardónio. Segundo as escrituras porque Jesus era chamado de “Cordeiro de Deus”? Não seria pelo seu cabelo lanoso (dreads looks)? Que aí é comparado a lã de cordeiro, e os pés com a cor de bronze queimado (ver Apocalipse cap. 1: ver. 15), com uma aparência semelhante pedra de jaspe e de sardónio (ver Apocalipse cap. 4: ver. 3), que são geralmente pedras amarronzadas ou enegrecidas, como quiser. Como também as cores das pedras de jaspe e sardónio não são únicas e absolutas, são tidas em diversas versões de cores.

Pensem juntos! Podemos continuar a orar para um suposto Jesus Cristo branco, de cabelos lisos e de olhos azuis que nos foi imposto em exemplos de imagens, desenhos e em registos fotográficos. Mas como explicar, um Cristo que caminhava descalço pelo deserto de Israel, na pregação do Evangelho, a um sol escaldante, acima dos 40 graus de temperatura, por onde viveu isso por 33 anos? Mesmo que quisesse, não seria branco, devido ao castigo imposto pelo sol a sua epiderme/melanina. Que mal nos faria orar a um Jesus Cristo negro, de olhos amendoados castanhos e lábios grossos de Azeviche, com seus cabelos no estilo dreads looks, cuidadosamente lano-



\*ROBERTO LEAL

so? Arrisco-me a dizer que o que vai importar nessa hora é a sua fé, ela é quem vai lhe trazer as energias positivas que sua oração pode lhe retransmitir; ela é quem pode fazer muito por você em um momento de meditação; em um momento de aflicção ou também em um momento de tamanha alegria e agradecimento... Acredito que fé não tenha cor, não tenha raça, não tenha tribos ou povos; como placa de templo não salva cristão e como o fanatismo não é a o dono da verdade!

Mesmo com essas controvérsias que nos acompanham há centena de anos, podemos continuar afirmando que a “África é o berço da humanidade” e nesse leque de controvérsias não nos restam dúvidas que o primeiro fóssil humano encontrado, foi o de uma mocinha de 20 anos e 1,20 metros de altura, segundo pesquisa diz-se provavelmente morta por um crocodilo, e que ficou enterrado intactamente cerca de 3,2 milhões de anos sob areais da Etiópia, até ser descoberta em 1974. Durante algum tempo, Ficando conhecida como: Lucy, essa Australopithecus afarensis, que durante muito tempo foi reconhecida como sendo Eva. Fatos e pesquisas mais recentes dão conta de uma equipe liderada pelo paleontólogo Yohannes Haile-Selassie, da Universidade da Califórnia, ter encontrado restos de outros fósseis pertencentes a moradores que viveram nessa mesma região da África, também há 3,2 milhões de anos. A novidade fica por conta que esses foram classificados como sendo de uma subespécie primitiva, baptizada de Ardipithecus ramidus kadabba. Tem-se outro registo de que no Quênia, um fóssil de crânio achado, pertenceu a quem viveu há cerca de 3,5 milhões de anos - 300 000 anos antes de Lucy e seus contemporâneos. De uma coisa não podemos ter dúvidas, foi na África onde tudo começou e ao menos isso, não podemos negar, sem que tenha que explicar, tanto pelo Jesus Cristo negro como pela existência da humanidade!

\*Roberto Leal

Jornalista, escritor e editor da Revista de literatura Ômnira. Autor de “C’alô & Crônicas Feridas” 3ª Edição - Ed. Ômnira/BAHIA-Brasil 2015. É presidente da UBESC - União Baiana de Escritores.

# A DINÂMICA SOCIAL DE ANGOLA EM 1943

## 3. A guerra mundial nas proximidades



Monumento aos Combatentes da Grande Guerra inaugurado em 1937 (ex-Maria da Fonte)

O Congo belga (hoje RD Congo) apresenta a mais extensa fronteira angolana, do norte ao leste e, desde 1940 a Bélgica está ocupada pelos alemães. Apesar disso, o Governador-Geral colocou a colónia no campo aliado, ou seja, apoiou o governo belga exilado em Londres, a quem o Congo forneceu o essencial dos meios de atuação graças às suas riquezas mineiras. Um importante exército congolês com enquadramento de oficiais belgas foi formado e participou em várias campanhas nos teatros africanos, da Etiópia à África Ocidental.

Vários desembarques de homens e material processaram-se pelo porto de Matadi, no trecho marítimo do rio Congo, a escassos metros do pequeno porto angolano de Noqui. As autoridades das duas colónias tinham motivos para se vigiarem mutuamente. Em 1940, a neutralidade portuguesa era vista com suspeita pelos Aliados, devido à notória admiração de Salazar por Mussolini mas, em 1943, com o novo curso da guerra, a situação no trecho marítimo do Congo – entre a foz e a zona Matadi-Noqui – é calma, tanto mais que o governo belga baseado em Londres devia ter informações sobre o de-

senrolar da negociação entre Salazar e Churchill relativas ao uso de bases no arquipélago dos Açores pela RAF.

A norte, na fronteira do então distrito de Cabinda, está o Congo francês, onde se situava a capital da AEF, Brazzaville, sob controle da França Livre também desde 1940, com uma particularidade importante: o Governador-Geral é Feliz Eboué, mestiço da Guiana, nomeado governador do território do Tchad (integrado na AEF) pela esquerda francesa e depois promovido a Governador-Geral de todo o conjunto pelo general de Gaulle, baseado em Londres. Mestiço e com nomeação inicial pela esquerda, era mau exemplo para os ultras do sistema colonial, entre os quais se situava o regime ditatorial português.

Mesmo assim, Angola mantinha a sua única ligação aérea internacional com Ponta Negra, no litoral deste Congo, até que por erros de comunicação um dos voos foi alvejado pela DCA local. Não houve vítimas a lamentar mas a linha foi encerrada em agosto de 1943. Este incidente traduzia também o nervosismo reinante no Atlântico Sul, onde, sobretudo até ao ano anterior, submarinos alemães atacavam a

navegação mercante britânica a fim de cortarem as ligações com a África do Sul, parte do campo aliado com forças numerosas no norte do continente e fornecedor de bens alimentares e industriais ao Reino Unido. Por vezes navios mercantes portugueses também foram torpedeados, por desconfiança alemã de transportarem carga para os ingleses.

Sócrates Dáskalos viajou para Portugal em 1941 e conta o caso do navio “Ganda” pouco antes alvo duma dessas ações na rota para Lisboa. (Dáskalos:op.cit).

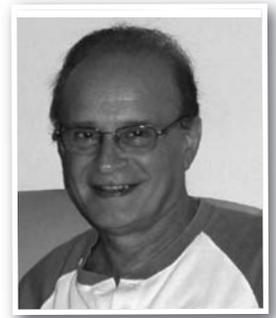
Na fronteira sul de Angola em 1943 estava o Sudoeste Africano (hoje Namíbia), teoricamente território sob mandato internacional confiado à União Sul-Africana, mas que esta governava como prolongamento do seu próprio território. A bandeira do posto fronteiriço em face de Santa Clara era sul-africana.

A leste estava a colónia britânica da Rodésia do Norte (atual Zâmbia) que, como o Congo de administração belga, tinha importantes jazidas minerais, ambas exportadas pelo porto angolano do Lobito, colocando este porto na mira alemã. Em 1942 e 1943, a venda de milho angolano á Rodésia do Norte levantou protestos em Portugal, onde meios próximos do governo classificaram-na de ter sido realizada em detrimento da cota do produto destinada à metrópole e pediram explicações ao Governador Morna.

Este assunto será abordado no capítulo de economia deste artigo.

Do outro lado do Atlântico, o Brasil estava na guerra, elemento de repercussão para toda a bacia sul deste oceano. Aliás, no Atlântico Norte, as forças navais alemãs estavam em recuo, fator de redução drástica de sua mobilidade para sul.

A imprensa de Angola dava grande destaque ao conflito e sublinhava operações em solo africano. Como amostragem escolhemos dois jornais do dia 12 de março de 1943, um de Luanda e outro de Benguela. A opção por este



JONUÉL GONÇALVES

dia corresponde aos mencionados motivos pessoais, sem perda de valor demonstrativo. Na verdade qualquer dia do ano em questão daria o panorama e o tom dos jornais publicados em Angola sobre a guerra.

O “Diário de Luanda” era um jornal ligado à União Nacional, o partido salazarista, único legal em todo o império português. O “Jornal de Benguela” também era dirigido por portugueses mas tinha bastantes conexões (e colaborações) locais, com orientação mais liberal. Ambos sujeitos à censura, menção que o “Jornal de Benguela” nunca esquecia de estampar.

Na edição de 12 de março de 1943, o “Diário de Luanda” destaca na primeira página, sobre a guerra, a eventualidade levantada pela propaganda alemã, de bombardeiros germânicos poderem atingir a costa leste norte-americana e regressar sem necessidade de escalas. No cento da página publica foto de tropas aliadas embarcando num planador na Tunísia e, na coluna da direita, reproduz despacho da agência francesa de informação sobre combates na mesma Tunísia, nos quais tropas alemãs, sob comando de Rommel, foram repelidas a norte e a sul. O jornalista encarregado da tradução e confecção da notícia, mantém a frase “perto de Ksar Rhilane, von Anim tentou também ontem um ataque às nossas forças”, referindo-se às unidades militares francesas. O mesmo vai ocorrer na segunda página com a versão italiana, onde aparecem expressões tipo “nossa artilharia” e “os nossos caças”,





Rei Mandume e a sua tropa

usadas para as forças italianas.

Mas ainda na primeira página, aparece a condenação à morte, em Joanesburgo, do sabotador sul-africano progermânico Sidney Robert Leibrant e uma breve informação de sucesso dos guerrilheiros na Polónia. Metade da segunda página desta edição do DL é dedicada à guerra com despachos sobre a frente russa, norte-africana e bombardeamentos sobre cidades alemãs e inglesas, dando as versões britânica e alemã.

O “Jornal de Benguela” dá menos cobertura à guerra na primeira página,

mas mais no conjunto da edição. A frente norte-africana tem destaque na primeira página, com previsão de captura de Gfasa na Tunísia pelas forças aliadas, comandadas pelo general Montgomery. É, portanto, grande o interesse da mídia publicada em Angola na época pelas batalhas do deserto e pelo duelo Montgomery-Rommel. Esta notícia tem grande desenvolvimento na página 3, com dados de fonte aliada muito mais extensos que a versão italiana. Não há menção de fonte alemã.

A página 2 tem ao alto, na coluna da direita, uma foto de soldados ingleses

fazendo prisioneiros alemães e na página 3, referencia à situação interna francesa com o título “Em Paris houve uma grande tensão contra o invasor” e desenvolvimento do texto favorável à resistência. Na mesma página sublinha-se em título o uso pela aviação britânica de bombas de 8.000 libras, aparecendo o texto no seu conjunto abertamente simpático ao avanço tecnológico das forças aéreas aliadas. A página 6 do JB desse dia coloca manchete a toda a largura relativa às contra-ofensivas alemãs na Rússia e ataques russos, também com inclinação de simpatia para estes, incluindo referências ao jornal “Estrela Vermelha”. Embora a censura evite cortar notícias e versões para não quebrar o perfil de neutralidade da política oficial portuguesa, a referência direta a órgãos comunistas não era bem vista.

Na última página, o JB volta à frente russa dizendo que “os russos sustaram a ofensiva alemã no Donetz e obtêm vantagens noutros sectores”. Um atentado na Alemanha dá lugar a uma breve; referencia é feita ao discurso do vice-presidente norte-americano sobre os riscos de nova guerra mundial se “os russos se propusessem continuar o ideal da revolução mundial” e uma batalha naval na costa holandesa ocupa o centro desta última página.

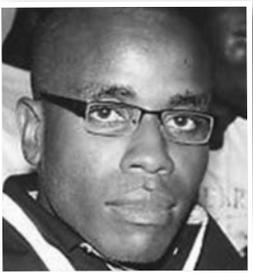
A comparação mostra o “Diário de Luanda” mais preocupado em manter

a neutralidade do noticiário, (sem dúvida devido a suas maiores ligações ao governo) e mais inclinação para os Aliados no “Jornal de Benguela”.

Este jogo de equilíbrio é menos acentuado que um ano antes e muito menos que em 1940, quando a correlação mundial de forças suscitava admiração oficial pelo nazi-fascismo, a ponto de Salazar ter a foto do ditador italiano na sua mesa de trabalho. Mas em 12 de maio de 1943 o Afrika Korps alemão rende-se e os aliados assumem todo o norte africano, afastando a ameaça sobre o Egito e ficando todo o Mediterrâneo ao seu alcance. Dois meses depois Mussolini foi derrubado e em outubro tornaram público o acordo luso-britânico (concluído em agosto precedente) concedendo a Londres facilidades em bases do arquipélago dos Açores – no qual rapidamente entraria os Estados Unidos. Um contexto que dava outro perfil ao neutralismo português (mais tarde batizado de “neutralidade activa”) e incitava ao fim das “inibições” na mídia de Angola que penderia toda para o campo aliado.

A atualidade militar mundial só é disputa nestes jornais pela atualidade económica local e a centralidade das estradas, cujo perfil é de quase ausência de asfalto ou mesmo de terra batida com manutenção aceitável.

**(CONTINUA)**



JOÃO NGOLA TRINDADE

Todo e qualquer membro de uma sociedade tem necessidade de ter acesso ao conhecimento e informação produzidos e acumulados ao longo do tempo. Ao debruçar-se sobre a conservação do conhecimento, o historiador Amadou H. Bâ (2010) apontou o “cérebro” do homem como o “primeiro arquivo” existente no mundo. O autor acrescenta que o homem “antes de colocar os seus pensamentos no papel” (...) “mantém um diálogo consigo mesmo”.

Analisando esta afirmação dentro da abordagem sobre os arquivos, iremos nos deparar com a selecção cuidadosa dos documentos como um dos momentos que antecede a publicação dos mesmos. Essa atitude justifica-se pelo facto de o surgimento do arquivo ter estado associado a uma determinada elite cujo poder representado pela informação documental precisava ser conservado.

Inicialmente instrumento de manutenção do poder o arquivo torna-se

difusor do conhecimento e da informação no quadro da institucionalização do direito a estes bens materiais, indispensáveis ao desenvolvimento humano e sociocultural. Apesar disso, e tendo em conta o seu historial, o acesso aos documentos continuou (a) a ser condicionado pelas razões a que já nos referimos. Trata-se essencialmente do acesso à informações que, quando mal conservadas, podem perigar a existência de uma entidade pública ou privada.

Por outras palavras, a desejada partilha da informação, considerada um bem público, mas particular, em muitos casos, continua (ou) a ser controlada. Falamos aqui de certas personalidades de relevo que, em muitas das sociedades, teimam em não divulgar informações de interesse à pesquisa científica (histórica, sociológica, etc.) – actividade que inclui, entre outras tarefas, a consulta e análise de fontes documentais.

Sendo a universidade uma instituição voltada para o ensino e a investigação científica, e uma vez que esta depende, em parte, do auxílio prestado pelos arquivos, a partilha de informações entre estas instituições per-

mite a realização de estudos científicos de interesse científico, económico, político, cultural, etc..

Isto pressupõe a existência de arquivistas competentes no seio de, por exemplo, instituições financeiras, partidos políticos, e associações culturais interessadas na preservação da sua memória.

Para um país como Angola, comprometido com o seu desenvolvimento, o Plano Nacional de Formação de Quadros deve contemplar a formação de técnicos superiores, isto é, de arquivistas que deverão prestar o seu contributo na melhoria da Administração Pública, e não só, cujas críticas dirigidas à si são motivadas, parcialmente, pelo extravio de documentos resultantes da inexistência de políticas de conservação do acervo documental.

Por outro lado, as empresas, incluindo as do sector privado, devem potenciar os seus «arquivistas» com acções de formação com finalidade de atender a necessidade de preservação da informação/documentação do seu interesse e do cidadão que solicita e beneficia da prestação dos seus serviços.

Pois, a afirmação segundo a qual o arquivista limita-se apenas à arruma-

ção e localização de documentos manifesta uma visão primária sobre o exercício dessa nobre profissão que, na Era Digital, requer actualização continua de quem a exerce.

Em conclusão, cabe às instituições públicas e privadas existentes em Angola velar pelo seu património imaterial formado no decorrer do tempo e espaço no qual as suas actividades são realizadas no presente. Estas farão parte do seu passado que futuramente serão objecto de estudo para os pesquisadores.



# ARQUIVO E PODER



Fethullah Gulen

# FETHULLAH GÜLEN

## Nós, Muçulmanos, precisamos de rever criticamente o nosso entendimento sobre o Islão\*

Não há palavras para verdadeiramente expressar a minha profunda tristeza e revolta frente à carnificina cometida por grupos terroristas, como o chamado ISIS (Estado Islâmico ou Daesh). Compartilho a profunda frustração de um bilhão e meio de muçulmanos, em todo o mundo, sobre o facto de tais grupos cometerem actos de terrorismo enquanto vestem as suas ideologias pervertidas como se fossem religião. Nós, Muçulmanos, temos a responsabilidade especial de não somente nos unirmos aos nossos companheiros humanos para salvar nosso mundo do flagelo do terrorismo e do extremismo violento, mas também de repararmos a imagem manchada de nossa religião.

É fácil proclamar certa identidade abstracta com palavras e símbolos. A sinceridade de tais asserções, contudo, só pode ser medida comparando as nossas acções com os valores centrais de nossas identidades autoproclamadas. O verdadeiro teste de fé não é o uso de lemas ou certas vestimentas; o verdadeiro teste de nossas crenças é viver de acordo com os princípios centrais compartilhados por todas as maiores religiões do mundo, como a sustentação da santidade da vida e o respeito pela dignidade de todos os humanos.

Devemos condenar categoricamente a ideologia propagada por terroristas e promover uma mentalidade pluralista com clareza e confiança. Afinal, antes da nossa identidade étnica, nacional ou religiosa, vem a nossa humanidade comum, que sofre um retrocesso sempre que actos bárbaros são cometidos. Os cidadãos franceses que perderam as suas vidas em Paris, os cidadãos libaneses muçulmanos xiitas que perderam suas vidas em Beirute no dia anterior e inúmeros muçulmanos sunitas no Iraque que perderam suas vidas nas mãos dos mesmos terroristas são, antes de mais nada, seres humanos. A nossa civilização não progredirá até que tratemos o sofrimento de todos os humanos, independentemente de sua identidade religiosa ou étnica, como algo igualmente trágico na nossa empatia e respondamos com a mesma determinação.

### AS VERDADEIRAS QUESTÕES

Muçulmanos devem, também, rejeitar e evitar teorias de conspiração, que até agora só nos desviaram de enfrentar os nossos problemas sociais. Em vez disso, devemos lidar com as verdadeiras questões:

- as nossas comunidades oferecem oportunidades de recrutamento para grupos de mentalidade totalitária, devido a um autoritarismo não reconhecido em nós mesmos, abuso físico doméstico, negligência dos jovens e falta de uma educação equilibrada?

- A nossa falha em estabelecer direitos humanos básicos, liberdade, supremacia do estado de direito e mentalidades pluralistas nas nossas comunidades, levou aqueles em dificuldade a buscarem caminhos alternativos?

A tragédia recente em Paris é outro lembrete para que tanto teólogos quanto muçulmanos comuns rejeitem e condenem fortemente os actos selvagens perpetrados em nome de nossa religião. Contudo, nessas conjunturas, rejeição e condenação não são suficientes; o recrutamento terrorista nas comunidades muçulmanas deve ser combatido e refutado com a colaboração efectiva entre as autoridades governamentais, líderes religiosos e agentes da sociedade civil. Devemos organizar esforços em toda a comunidade para lidar com todos os factores que contribuem para o recrutamento terrorista.

Precisamos trabalhar com a nossa comunidade para estabelecer a estrutura necessária para identificação de jovens em risco, prevenir que eles busquem caminhos autodestrutivos, auxiliar famílias com aconselhamento e outros serviços de apoio. Devemos promover um engajamento proactivo e positivo com o governo para que cidadãos muçulmanos comprometidos possam se sentar à mesa em que as medidas antiterroristas são planejadas e compartilhar as suas ideias. A nossa juventude deve aprender maneiras de expressar apoio e dissidência por meios democráticos. A incorporação de valores democráticos desde cedo no currículo escolar é fundamental para se inculcar uma cultura de democracia nas mentes jovens.

Reacções historicamente fortes surgiram após tais tragédias. O sentimento anti-muçulmano e anti-religioso assim como o tratamento de defesa dado a cidadãos muçulmanos por governos seria contraproducente. Os cidadãos muçulmanos da Europa desejam viver em paz e tranquilidade. Apesar do clima negativo, eles deveriam tentar engajar-se mais com os seus governos locais e nacionais para ajudar o trabalho de criação de políticas mais inclusivas que integrem melhor as suas comunidades na sociedade.

É importante que nós, muçulmanos, reviseemos criticamente o nosso entendimento e prática do Islão sob a luz das condições e necessidades de nossa época, e de acordo com as clarificações providas por nossas experiências históricas colectivas. Isso não significa criar uma ruptura com a tradição cumulativa islâmica, mas fazer um questionamento inteligente, para que possamos confirmar os verdadeiros ensinamentos do Alcorão e da Tradição do Profeta que os nossos predecessores muçulmanos tentaram revelar.

Devemos marginalizar de forma proactiva a leitura descontextualizada de nossas fontes religiosas, que têm sido empregues ao serviço de ideologias pervertidas. Pensadores e intelectuais muçulmanos deveriam encorajar uma abordagem holística e reconsiderar veredictos jurídicos da Idade Média, emitidos sob o perpétuo conflito em que afiliação religiosa, frequentemente, coincidia com afiliação política. Crenças centrais deveriam ser distinguidas de dogmatismo. É possível e, na verdade, absolutamente necessário reviver o espírito de liberdade de pensamento que deu à luz a renascença do Islão, ao mesmo tempo que permanecia verdadeiro ao carácter da religião. Apenas em tal atmosfera, muçulmanos podem efectivamente combater a incivilidade e o extremismo violento.

## HUMANIDADE VERSUS BARBÁRIE

Após os eventos recentes, tenho observado, com pesar, a renovação da tese de conflito de civilizações. Não sei se aqueles que lançaram essa hipótese pela primeira vez o fizeram com visão ou desejo. Porém, é certo que, hoje, a renova-



Abóbada de Mesquita



Cume de mesquita



Arte do Islão

ção dessa retórica serve somente aos esforços de recrutamento das redes terroristas. Eu gostaria de declarar claramente que o que testemunhamos não é um conflito de civilizações, mas um conflito da humanidade com a barbárie na nossa civilização comum.

A nossa responsabilidade, como cidadãos muçulmanos, é ser parte da solução, apesar das nossas mágoas. Se quisermos defender a vida e as liberdades civis dos muçulmanos ao redor do mundo e a paz e a tranquilidade de cada ser humano, independentemente de sua fé, devemos agir agora para lidar com o problema do extremismo violento em todas as suas dimensões: política, económica, social e religiosa. Ao darmos o exemplo de virtude por meio das nossas vidas, ao desacreditarmos e marginalizarmos a interpretação extremista de fontes religiosas, ao sermos vigilantes ao impacto destas nos nossos jovens e ao incorporarmos valores democráticos desde cedo na educação, podemos opor-nos à violência e ao terrorismo, assim como às ideologias totalitárias que a eles conduzem.

*Fethullah Gülen, um erudito muçulmano turco e pregador, nascido em 1941, vive no exílio nos Estados Unidos desde 1999. Ele é o inspirador do movimento Hizmet, que defende uma interpretação do Islão moderada e moderna, dando ênfase à ciência, ao diálogo inter-religioso, à defesa da democracia e aos valores humanos universais.*

*\* Este artigo foi publicado no jornal francês Le Monde, em 17 de Dezembro de 2015: [http://www.lemonde.fr/idees/article/2015/12/17/musulmans-procedons-a-un-examen-critique-de-notre-comprehension-de-la-foi\\_4834205\\_3232.html](http://www.lemonde.fr/idees/article/2015/12/17/musulmans-procedons-a-un-examen-critique-de-notre-comprehension-de-la-foi_4834205_3232.html)*

# LUÍS ITIEL

## O Pai Natal Africano

CONTO DE MANUEL DE SOUSA



Tchilésio. Foto de Santinho

O Pai Natal, em alguns países conhecido como Santa Claus ou Papai Noel (ou Papá Noel), em virtude do crescendo de pedidos, decidiu alargar a sua zona de acção e de entrega de prendas para crianças um pouco mais para a zona Sul do Globo Terrestre, nomeadamente, em África.

Na ocasião, estendeu os seus serviços de entrega até países como África do Sul e países limítrofes, os quais incluíam Angola, também e onde a tradição natalina continua sendo forte e em crescendo. Contudo, punha-se-lhe o problema de que as suas renas, habituadas aos climas frios e de neve, não teriam condições para puxar o trenó aéreo num clima tropical, usualmente quente e húmido.

Assim, falou com alguns dos seus amigos em África e solicitou a estes que investigassem nas matas, chanas e nas florestas e selvas Africanas, a ver se haveria um animal que tivesse características físicas adequadas, ordeiro e de fácil adestramento, para substituir com êxito as Renas.

Aos poucos, começaram chegando à sua caixa electrónica de correio, várias informações sobre os animais eventualmente candidatos para a substituição das renas. Dentre eles, vieram indicações para a utilização de antílopes de compleição física maior, e até houve sugestões para o uso de bois-cavalo e búfalos africanos e mesmo, até, elefantes, etc.

Para poder escolher os animais mais apropriados, o Pai Natal veio ele próprio à África testar os vários animais indicados. Chegou contudo ao fim dos testes, tendo montado e experimentado o trenó em vários tipos de antílopes, incluindo zebras, dromedários, bois-cavalo, elefantes, concluindo que nenhum destes lhe servia os propósitos, em virtude do grau de dificuldade de aprendizagem que todos demonstraram quanto aos gestos de coordenação, etc.

Encontrava-se a viajar de carro entre a República Democrática do Congo, a Zâmbia, o Zimbabue e o Botswana, e já em desânimo e prestes a desistir da ideia, muito cansado, quando adormeceu pesadamente, e eis que teve um sonho. Sem o saber, no sonho, veio parar a Angola, onde nunca antes havia estado. Certo era que enviava para lá brinquedos a pedido de algumas crianças que de lá lhe escreviam, já desde há muitos anos, mas sempre encarregara os seus emissários ou assistentes locais e regionais de fazê-lo, os quais se vestiam com

trajes semelhantes ao seu. Mesmo esses haviam usado elefantes voadores carregados com cestos e sacos, onde colocavam as prendas, mas nunca haviam feito recurso a trenós, em virtude destes animais serem demasiado grandes e desajeitados para tal.

Caindo em sono profundo, o tal sonho pareceu-lhe ser de veras tão real, que lhe deu a impressão de estar acordado. Nisso, viu muito claramente um pequeno e lindo bebé de tez africana. O bebé parecia pairar em pleno ar, contudo, como se se encontrasse deitado em algo invisível. Tão logo se aproximou, reparou que o bebé olhava para ele com olhos muito vivazes e de quem estava consciente do que via e do que ali estava fazendo. Quase de imediato, viu nítido em sua mente o nome do bebé, Luís Itiel. Achou estranho, mas, acabou não ligando muito, achando que poderia ser mera coincidência. Nisso, ouviu uma melodiosa vozinha de criancinha tenra, que mais parecia saída de um boneco falante ou de uma fada: “Meu nome tu já sabes. Agora, gostaria de te sugerir uma ideia sobre o tipo de animais que poderão ser-te úteis aqui em África, para que possas levar avante teus planos de distribuição de brinquedos aqui nesta região.” O Pai Natal estava de boca completamente aberta, quando tentou recompor-se: “E o que será que um bebé de aparentemente algumas poucas semanas me poderá dar como ideia, quando há pouco tempo nasceu para este Mundo? Afinal quem és tu, pequeno bebé Luís Itiel?”

O bebé Luís Itiel, olhou ainda como maior incisão para o Pai Natal e vai de dizer: “Eu sou um bebé recém-nascido sim, mas, também sou um bebé mágico e precoce, com poderes equivalentes ao das lendárias fadas das estórias infantis! Apesar de tudo, estou aqui para te ajudar, pois, na vida real, sou um aparente mero bebé e nunca ninguém iria suspeitar que eu poderia até falar e, muito mais ainda, com uma figura tão importante e mágica, como tu, Prezado Pai Natal! Se te virares um pouco para a tua esquerda, poderás ver seis animais, cuja designação mais comum é a de Palanca Negra Gigante. Elas são também da classe dos Antílopes, e são hoje animais muito raros, tendo estado mesmo às portas da extinção em Angola, em virtude da caça desenfreada e dos tempos atroz de guerra. Estas aqui nasceram praticamente ao mesmo tempo e cresceram e andaram juntas, quase o tempo todo da sua sobrevivência. Foram mesmo treinadas e preparadas mentalmente, desde pequenas, para este momento e para te servirem aqui em África, como animais de elevada inteligência e senso de missão, podendo ter os mesmos atributos que as tuas renas, lá no frio Hemisfério Norte. E, além disso, estes animais estão bem adaptados climaticamente e poderão puxar muito bem o teu mágico trenó voador pelos ares da África e enfrentando tempestades e chuvas mais severas, habituais nesta ocasião do ano aqui no nosso Continente. Elas podem até voar, quando necessário, sem que se assustem de forma alguma com quase nenhuma situação adversa”.

Mais espantado do que seria de esperar, o Pai Natal virou-se e perguntou em tom de admiração profunda: “Mas nunca ouvi falar de Palancas Negras Gigantes e nem sequer sabia que tal animal existia e de onde elas são mesmo?”

“Das chanas do Leste de Angola, exclusivas da Província de Malange, de uma reserva natural chamada Kagandala, junto ao Rio Kuanza, que nasce algures no Centro-Leste de Angola e desagua a 60 quilómetros a Sul de Luanda, capital de Angola, país onde eu nasci recentemente”, disse muito naturalmente o bebé Luís Itiel. Podes até aproximar-te delas, para que fiquem desde já familiarizadas contigo e afagá-las enquanto ainda aqui no sonho. Aliás, da mesma forma que as tuas renas, as palancas também têm o dom de falar mentalmente, pelo que estão preparadas também para falarem contigo e para receberem tua voz de comando. Todas têm um nome próprio, pelo qual as podes tratar. Por exemplo, a líder da manada, chama-se Sol. A sub-líder chama-se Terra. Chamando-se as restantes, respectivamente, de Lua, Fogo, Água e Ar”.

Dito isso, e acto contínuo o Pai Natal foi afagando uma a uma as palancas, que o rodearam plenas de júbilo e felicidade, como se sempre tivessem estado na presença do Pai Natal. Este, olhando novamente para o bebé, vai e diz-lhe com uma certa propriedade: “Afinal, já sei quem tu és, meu lindo bebé! Tu és o meu substituto no futuro, ou seja, o próximo Pai Natal, o qual está destinado a ser oriundo de África e isso eu já previa em minha mente, há muito tempo. Só que, não me passou nunca pela cabeça que um dia me iria encontrar com o bebé que viria a ser o Pai Natal seguinte!”. Aí, fez uma pequena pausa, e adiantou: “Hoje é um dos dias mais felizes da minha vida, e não faltam muitos anos e poderei fi-

nalmente arrumar as botas e reformar-me, pois já sei quem me vai substituir. Agora, continuaremos em comunicação sempre, sobretudo por intermédio de sonhos. Entretanto, vou deixar-te crescer como um Bebê normal e só voltarei a ver-te, mas, dessa vez, fisicamente, quando tu estiveres crescido e maduro e consciente o suficiente, para te passar então o testemunho de tão gigantesca e responsável tarefa de seres o Pai Natal do Mundo. Agora, vou acordar, pois já tenho a solução para os animais que irão puxar o meu trenó aqui em África, a fim de me poder dirigir a Angola e lá poder encontrar-me fisicamente e de facto, com estas tão lindas, elegantes e valiosas palancas negras, que, além de gigantes e raras, passarão a serem mágicas também, a partir de então...”

Despediram-se entretanto, com o Pai Natal a agarrar as mãozinhas delicadas e suaves do bebê e a beijá-las em tom terno, emocionado e em agradecimento. Acorda já como que motivado a mover-se com certa pressa. De imediato, virase para o seu colaborador que conduzia o carro e disse: “Pára aí algures para comermos uma bucha, e após isso, fazemos meia volta, indo, de seguida e sem demoras, directos à fronteira com o Leste de Angola, para dali, nos dirigirmos à Reserva Nacional de Kangandala, na Província de Malange. Ali iremos encontrar os animais que tanto procuro aqui nesta região de África”.

O colaborador, com certo espanto, mas simplesmente ouvindo as directivas do Pai Natal, assentiu com a cabeça e parou num local apropriado para comerem. Depois, como previsto, dirigiu o carro na direcção de Angola, onde entraram já à noitinha. Dormiram algures numa pequena aldeia, e mal o Sol raiou, puseram-se em direcção de Kangandala, onde finalmente, não muito longe da entrada da Reserva de Kangandala, à sua espera estavam os imponentes, viçosos e elegantes vultos das seis palancas negras, que tinham algumas fêmeas e algumas crias em sua companhia. Receberam o Pai Natal com correrias alegres e altos saltos de comoção. Então, quase como num coro perfeito, o Pai Natal ouviu as vozes das Palancas em uníssono pela primeira em sua mente: “Olá, querido Pai Natal, aqui estamos nós prontas para puxar o teu trenó mágico pelos céus incandescentes e doirados de África.”. Tão logo acabaram de falar, apareceu do nada, por artes mágicas, um lindo, sumptuoso, radiante e luzidio trenó doirado, todo ele a

raiar brilho em todas as direcções, deixando por algum tempo os animais semi-encadeados e tontos. Tão logo se refizeram e se habituaram e, em posição perfeita, com duas linhas paralelas de três palancas formadas em fila, ordeiramente, com umas atrás das outras, aquelas viram-se emparelhadas ao trenó...

O Pai Natal, sem delongas, pulou para o trenó e disse em seu tom tradicional: “Oi, oi, oi! Aqui vamos nós pelos ares de Angola e de África, em nosso primeiríssimo ensaio inicial”. Voou, voou, até estarem ele e as palancas, exaustíssimos. Depois de ter tornado o trenó novamente invisível e ter soltado as Palancas, passou a noite na aldeia do Soba Maior da região e no dia seguinte, e antes de se despedir das palancas, dirigiu-lhes a voz: “Minhas amadas palancas Sol, Terra, Lua, Água, Fogo e Ar, eis que vos deixo tão-somente por uma semana, para que se refaçam, pastem os melhores pastos e se preparem para executar nossa árdua e intensa missão, a qual se aproxima a passos largos. Iremos, então, distribuir brinquedos e outras prendas de Natal nesta região do Continente Africano, de forma assaz intensa e em tão-somente um dia e tal, entre 24 e 25 de Dezembro, este último, o dia de Natal. Os brinquedos e outros presentes de Natal serão entregues, sobretudo, em regiões onde as crianças e as pessoas adultas ainda observam a verdadeira mágica tradição de Natal...”

“Agora, minhas honrosas amigas Palancas, irei agradecer mentalmente ao bebê Luís Itiel por me ter guiado até vós e deixo a lembrança que, num futuro não muito longínquo, irão servir a ele, como futuro Pai Natal e o primeiro oriundo da África, mais precisamente de Angola...”, arrematou o Pai Natal...

**A presente estória de Natal foi escrita em Luanda, Angola, a 16 de Dezembro de 2015, em dedicação ao meu primeiro neto, que a 19 do mês, comemora o seu primeiro mês de chegada a esta vida material e terrestre...**

**Também a escrevi, tendo em mente todas as criancinhas africanas e de todo o Mundo, independentemente das suas condições ou origens, pois, perante o Criador da Vida, elas são todas iguais... e à Sua imagem e semelhança...**



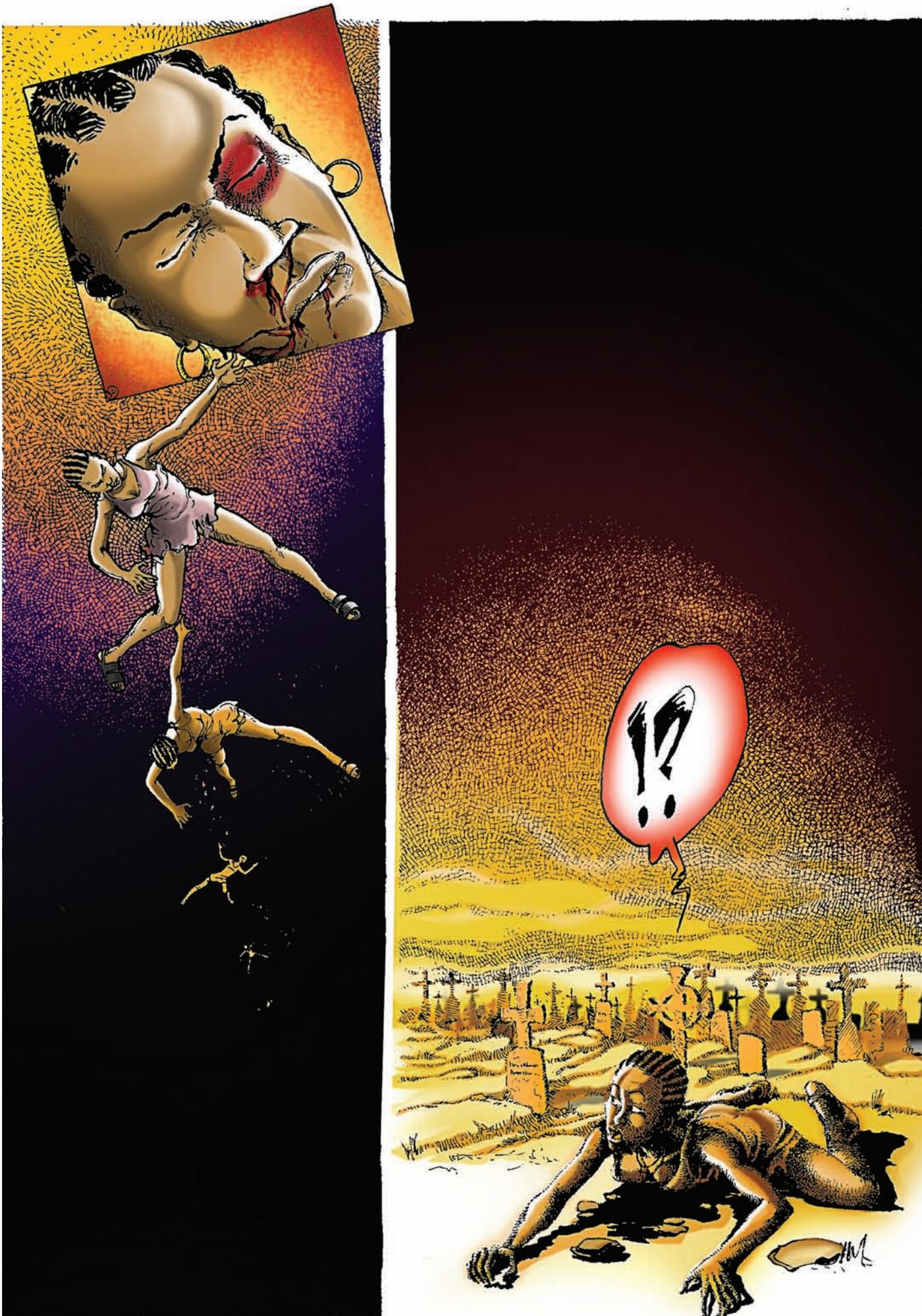
Palanca Negra

**Resumo da Prancha anterior:**

... A cobra já havia cravado os seus dentes venenosos no seu pulso. Aterrorizada, Katumbo solta um grito pondo a descoberto o seu esconderijo. Ágil o Carcamano lança-se sobre ela aplicando-lhe dois vigorosos murros...

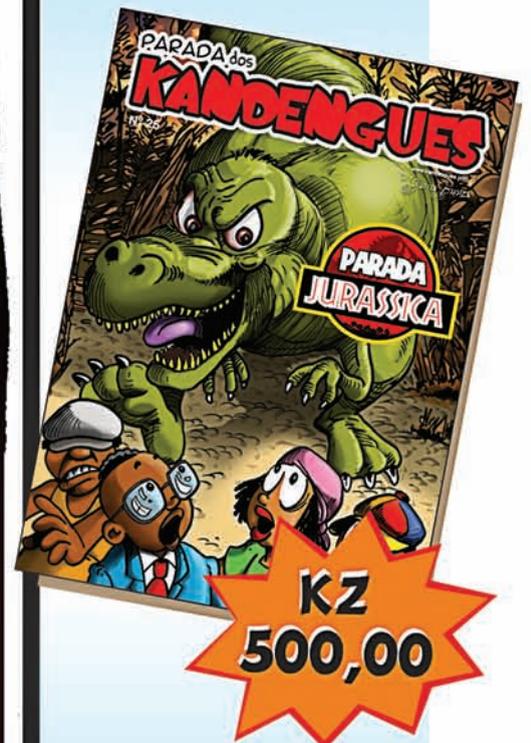
**A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO** <sup>13</sup> Por: LITO SILVA

# CARCAMANO



PARADA dos  
**KANDENGUES**  
© Sisma Comics  
www.sismacomics.com

A PUBLICAÇÃO  
DA GAROTADA  
A **18** ANOS  
DEFILANDO  
ALEGRIA



BREVEMENTE  
O **NÚMERO 25.**  
COM A HISTÓRIA  
**PARADA JURÁSSICA**

VOCÊ PODE COMPRAR  
NOS SEGUINTE LOCALS:

- BAZAR SEDUÇÃO
- LIVRARIA MENSAGEM
- DISTRIBUIDORA AFRICANA
- INIC
- COLÉGIO AFRICANO
- COLÉGIO KAALI
- COLÉGIO JOAQUIM MENDES
- COLÉGIO ALBERT EINSTEIN
- COLÉGIO JÚLIO VERNE
- SUPERMERCADO GOURMET
- LOJA PALMAS
- MADE IN ANGOLA
- BARBEARIA MAIANGA

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO